

**A ALFABETIZAÇÃO ENQUANTO DESAFIO POLÍTICO, EPISTEMOLÓGICO E
PEDAGÓGICO-ERÓTICO (1)**

Renato Hilário dos Reis
Professor da Faculdade de Educação
Universidade de Brasília

Primeiro quero agradecer à Unidade de Educação de Jovens e Adultos da Fundação Educacional, na pessoa de Sofia Tagoshi, Antônia Catalice, Maria Amélia, Maura e Dilza, pelo convite em participar deste evento, trazendo aqui minha prática alfabetizadora, minha reflexão teórica sobre esta mesma prática, com seu conjunto de inquietações, dúvidas e propostas.

Em seguida, quero parabenizar aos colegas e autoridades do MEC(incluindo o Ministro Hingel), aqui representados pela Consuelo Jardon - Chefe da Divisão de Educação de Jovens e Adultos, pela elaboração do Plano Decenal de Educação para Todos, síntese de um inédito esforço colaborativo entre a sociedade política e sociedade civil e que honra o compromisso firmado pelo Brasil em 3/1990, em Jountien na Tailândia e reiterado pela Declaração de Compromisso de Nova Delhi-Índia em dezembro/1993.

Creio que é interessante recordar alguns dos compromissos assumidos pelo Brasil, ao mesmo tempo que discuto a questão da alfabetização de crianças, jovens e adultos, no contexto de uma sociedade capitalista, produtora dos desiguais, como é o caso da brasileira.

(1) Palestra apresentada no auditório do Ministério do Bem Estar/Social, quando da programação do Dia Internacional da Alfabetização e do Dia do Alfabetizador em Brasília-DF, patrocínio da SEC/FEDF/Unidade de Educação de Jovens e Adultos

Em 10 anos, O Brasil pretende (segundo Declaração de Nova Delhi):

1) Garantir à toda criança uma vaga em uma escola ou em um programa educacional adequado às suas capacidades, para que a educação não seja negada a uma só criança por falta de professor, material didático ou espaço adequado (Declaração de Nova Delhi, item 3.1 da página 124 do Plano Decenal).

2) Consolidar esforços dirigidos à educação básica de jovens e adultos proporcionada por entidades públicas e privadas, melhorando e ampliando novos programas de alfabetização e educação de adultos, no contexto de uma estratégia integrada de educação básica para todo o nosso povo (Declaração de Nova Delhi, item 3.2, pág 124).

3) Melhorar a qualidade e a relevância dos programas de educação básica, através da intensificação de esforços para aperfeiçoar o "status", o treinamento e as condições de trabalho do magistério; melhorar os conteúdos educacionais e o material didático e implementar outras reformas necessárias aos nossos sistemas educacionais (item 3.4).

4. Mobilizar todos os setores de nossas sociedades em prol da educação para todos, endossando por este instrumento o Projeto de Ação que acompanha esta Declaração e nos comprometendo a revisar nosso progresso a nível nacional e a compartilhar nossas experiências entre nós e com a comunidade global (item 3.6).

Acresce-se a isto, as metas globais do Plano Decenal (Pag. 42), em que o Brasil se compromete:

a) elevar a, no mínimo, a 94% a cobertura da população em idade escolar.

Nossa atual taxa de escolarização atinge 86,9% (segundo Plano Decenal, pag. 111);

b) assegurar a melhoria do fluxo escolar reduzindo as repetências na 1a a 5a série, de modo que 80% das gerações escolares, no final do período, possam concluir a escola fundamental com bom aproveitamento, cumprindo uma trajetória escolar regular.

Como sabemos e noticiado na Folha de São Paulo de 31.07.94, página A-9, baseado em relatório da UNICEF em 100 crianças matriculadas no 1o grau, pelo menos 88 deveriam chegar à 5a série. Chegam apenas 39.

Neste particular, segundo esta pesquisa, o Brasil, considerando o seu PIB e sua renda per capita (potencial econômico) é campeão mundial de repetência, numa relação de 129 países.

c) criar oportunidades de educação infantil para cerca de 3.2 milhões de crianças de segmento social mais pobre;

d) ampliar o atendimento de jovens e adultos de modo a oferecer oportunidades de educação básica equivalente ao ensino fundamental para 3.7 milhões de analfabetos e 4.6 milhões de sub-escolarizados.

Meta pouco ambiciosa se considerarmos que a taxa oficial de analfabetos está em torno de 18.3% da população (cerca de 28 milhões), embora recentemente, o Dr. Sepúlveda Pertence,

presidente do TSE, fez uma declaração, afirmando que dos 95 milhões de eleitores, 45 milhões são analfabetos.

e) ampliar progressivamente a participação do gasto público em educação, do PIB brasileiro, de modo a atingir o índice de 5,5%. Segundo Sérgio Costa Ribeiro, citado na Folha de São Paulo de 31.07.94, o gasto médio é de 3.3% do PIB.

Tem-se um gasto médio anual de 129.7% no aluno de 1o grau urbano, 75.31% no aluno rural de 1o grau o que perfaz a média de 300 dólares anuais;

f) aumentar progressivamente a remuneração do magistério público, através do plano de carreira que assegure seu compromisso com a produtividade do sistema, ganhos reais de salários e a recuperação de sua dignidade profissional e do reconhecimento público de sua função social.

Segundo o IBGE (1989) publicado na Folha de São Paulo de 31.07.94, pág. A-8, o professor de 5a a 8a, ganha em média 250 dólares, o de 1a à 4a, 126 dólares; sem série 178 e o de pré-escola 88 dólares. Isto é uma vergonha nacional.

Destas várias propostas, quero destacar, agora, aquelas que vejo como essenciais para um salto qualitativo da educação nacional, particularmente, a alfabetização de crianças, jovens e adultos.

1. Investir no Professor - sua carreira e sua formação. A Coreia na década de 1960 detinha uma situação igual ou pior que a brasileira. Em 20 anos consegue que 95% dos seus jovens completem

não só a 8a (como pretendemos com nossos 80%), mas a última série do 2o. Grau.

2. Investir na Pesquisa Educacional, mas, com destaque/prioridade à Pesquisa-Ação, entendida como identificação de problemas e contribuição simultânea à sua superação.

Aqui, a articulação entre os sistemas de ensino e universidades, é não só importante. É essencial, indispensável e inadiável.

3. Rediscutir e redimensionar o conceito de educação, escola e alfabetização. Neste aspecto, poderia entender o alfabetizando, enquanto ser de Saber, Poder e Amor, segundo o seguinte esquema:

ALFABETIZAÇÃO: ALGUMAS INDICAÇÕES POSSÍVEIS DE SUA CONCEITUAÇÃO

Renato Hilário

1.	-----		
	SER	1.1	Alfabetizando enquanto objeto de conhecimento (Apropriação de Leitura, Escrita, Cálculo, etc)
	DE	1.2	Alfabetizando enquanto sujeito/objeto de leitura, de conhecimento (apropriação e produção de leitura, escrita, texto, cálculo etc) > EMERGÊNCIA DO SUJEITO EPISTEMOLÓGICO
	SABER		

2.	-----		
	SER	2.1	Alfabetizando enquanto cidadão reivindicante
		2.2	Alfabetizando enquanto cidadão que influencia nas decisões
	DE	2.3	Alfabetizando enquanto cidadão que toma decisões (exercendo o micro ou macro poder) > EMERGÊNCIA DO SUJEITO POLÍTICO
	PODER		

3.	-----		
	SER	3.1	Alfabetizando enquanto aprendiz do amor a si mesmo
		3.2	Alfabetizando enquanto aprendiz do amor ao outro
	DE	3.3	Alfabetizando enquanto aprendiz do amor coletivo, à natureza, ao universo > EMERGÊNCIA DO SUJEITO ERÓTICO
	AMOR		

Conclusão

Em um mundo caracterizado pela falência da razão instrumental, que tanto sob inspiração capitalista, bem como, socialista não conseguiu responder as angústias do homem contemporâneo. Pelo contrário, o aumentar e o colocar em risco a sobrevivência da espécie e do próprio planeta, nos força a perguntar que educação e alfabetização é esta, que levou o mundo a um beco quase sem saída? Afinal, que concepções de mundo, sociedade, natureza, história vem se trabalhando com crianças, jovens e adultos, de tal maneira, que a violência e a morte parecem ter primazia sobre a paz, a vida e o amor?

A que leitura, escrita e cálculo estamos conduzindo nossos alfabetizando? As das formas de opressão, exploração, dominação e violência, entre povos, classes e pessoas? Ou as de contribuição superativas às formas de opressão, exploração, dominação e violência entre povos, classes e pessoas? Ou ainda, uma concepção de alfabetização que se constitua como oportunidade histórica de deitar as raízes de uma nova humanidade e de uma nova civilização, em que o Amor, a Solidariedade, a Cooperação, a Fraternidade e a Complementaridade, sejam o eixo-orientador dorsal da convivência das e entre as pessoas.

Só assim o diferente, o diverso, e a convivência entre o diferente, o diverso e o controverso, será sustentada pela tolerância e o respeito mútuo, bases éticas fundamentais de qualquer democracia saudável.

Só assim também, o homem contemporâneo e brasileiro, poderá encontrar respostas às suas angústias, a seu desejo de felicidade. Para tal, é preciso mudar a ótica da educação, do educador, da escola, do alfabetizador, do alfabetizando, da sociedade civil e política, enquanto um todo. Sobretudo, é preciso assumir a coragem de amar, de se enamorar pelo e com outro, amar e ser amado, como marco de uma qualidade de convivência entre pessoas, sem medo de se olhar nos olhos, sem medo de se cumprimentarem, sem medo de se tocarem.

A partir desta nova ótica vamos contrapor à necrofilia, a diafilia, o elogio da vida, o prazer e o tesão de vida, a pulsão energética do positivo, da alegrias de viver e da felicidade em encontrar e estar com o outro.

Uma das razões do crescimento da violência é o que risco das relações sociais é centrada na negação do outro, sua reificação, sua coisificação.

A contraposição de uma nova ética das relações econômico-sociais-políticas centrado no Coletivo do Amor e na Universal Solidarietà, abre uma nova fase da humanidade e da alfabetização, em que o toque, o olhar, o sentir, o falar, o pensar e o fazer sejam expressões não da razão instrumental do século, mas, do coração que dialeticamente emerge da morte da razão, para a ressurreição de uma civilização ética e quase infinita, porque mais perto das estrelas, da beleza do universo, das galáxias, dos anjos, de Deus. Amém.